

A ideologia empreendedora e a internacional capitalista: para uma crítica marxista

Não basta que as condições de trabalho existam, de um lado, como capital e, de outro, como pessoas que não têm nada a vender senão sua força de trabalho. Também não basta que sejam forçados a se vender voluntariamente. No decurso da produção capitalista, desenvolve-se uma classe trabalhadora que, por educação, tradição, costume, reconhece as exigências daquele modo de produção como leis evidentes da natureza.

Karl Marx, *O capital*

João Leonardo Medeiros
Rômulo Lima*

Resumo

O propósito deste artigo é examinar criticamente duas teorias, a do capital humano e a do empreendedorismo, como ideias baseadas na mesma visão de mundo conservadora e atomista e muito semelhantes no que se refere à mobilização da prática social. As duas teorias formam, em conjunto, aquilo que podemos denominar *ideologia empreendedora*. Nossa intenção é mostrar as raízes dessa ideologia e arriscar uma explicação para a sua ampla difusão.

Palavras-chave: ideologia; capital humano; empreendedorismo; crítica marxista.

Abstract

The purpose of this paper is to critically examine two theories, that of human capital and that of entrepreneurship. These theories are depicted as ideas based on the same conservative and atomistic worldview and very similar in terms of the mobilization of social practice. The two theories, taken together, form what can be named as entrepreneurial ideology. Our intention is to show the roots of this ideology and risk an explanation for its wide diffusion.

Keywords: ideology; human capital; entrepreneurship; Marxist critique.

1. Introdução

A citação do Livro I de *O capital* que usamos como epígrafe é um dentre os inúmeros momentos de sua vasta obra em que Marx adverte para o fato de a reprodução capitalista *exigir* e, portanto, suscitar uma consciência da classe trabalhadora em conformidade com sua forma de ser. Isso explica, certamente, a preocupação de Marx em se valer das contradições do capitalismo para contribuir com a formação de uma teoria alternativa, revolucionária, que pudesse influenciar o senso comum e contrapor as ideias dominantes (por definição, aquelas que inspiram ações cotidianas nada ameaçadoras ao *status quo*). Em outro momento, do Livro III, que aqui nos permitimos citar extensamente, o autor retorna ao tema, mas o examina desde outra perspectiva:

* João Leonardo Medeiros é professor da Universidade Federal Fluminense, membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx) da UFF e da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP). Rômulo Lima é membro do NIEP-Marx da UFF.

O fato de que, desse modo, um homem sem fortuna, mas com energia, seriedade, capacidade e conhecimento dos negócios, possa tornar-se um capitalista – e o valor comercial de cada indivíduo é estimado mais ou menos corretamente sob o modo de produção capitalista em geral – é bastante admirado pelos economistas apologéticos, embora esse mesmo fato produza um número indesejado de novos cavaleiros da fortuna, que entram em competição com os diversos capitalistas individuais já existentes, e reforce a dominação do próprio capital, ampliando sua base e permitindo-o recrutar sem interrupção forças novas do substrato da sociedade.

Do mesmo modo, o fato de que na Idade Média a Igreja católica formasse sua hierarquia com os melhores cérebros do povo, sem levar em conta estamento, nascimento ou patrimônio, foi um dos principais meios de consolidação do domínio eclesiástico e da supressão do laicismo. *O domínio de uma classe é tanto mais sólido e perigoso quanto maior é a capacidade de essa classe dominante assimilar os homens mais importantes das classes dominadas.* (Marx, 2017b, p. 660-661; grifos adicionados)

Muitas foram as formas de consciência que, ao longo da história do capitalismo, favoreceram a assimilação dos “homens mais importantes das classes dominadas” e reforçaram o domínio de classe – incluindo o vasto repertório de teorias econômicas, evidentemente. O propósito deste artigo é examinar criticamente duas teorias, a do capital humano e a do empreendedorismo, como ideias baseadas na mesma visão de mundo conservadora e atomista e muito semelhantes no que se refere à mobilização da prática social. Quando vulgarizadas e difundidas popularmente, as duas teorias formam, em conjunto, aquilo que podemos denominar *ideologia empreendedora*. Nossa intenção é mostrar as raízes dessa ideologia e arriscar uma explicação para a sua ampla difusão.

Além desta introdução e de uma nota conclusiva, quatro seções compõem este trabalho. Na primeira, procuramos evitar uma ambiguidade a respeito da categoria ideologia, definindo-a de modo explícito. Em seguida, tratamos da gênese da ideologia empreendedora a partir de seus fundamentos científicos, a teoria do capital humano e a do empreendedorismo. Oferecemos uma breve síntese dessas teorias, dispensando obviamente a linguagem tecnicista em que são formuladas, mas procurando manter máximo rigor e fidelidade aos termos originais. Na seção 4, apontamos as bases históricas para a popularização daquelas teorias científicas em versões vulgarizadas, processo esse que constitui a gênese da ideologia empreendedora. Finalmente, na última seção antes da nota conclusiva, tratamos dos mecanismos de difusão da ideologia empreendedora no processo que denominamos por internacional capitalista. A nota conclusiva conjectura sobre razões que, em nosso juízo, possivelmente conduzirão a uma perda do poder de atração da ideologia empreendedora.

2. Ideologia: de que estamos falando?

Há muitas formas de conceber teoricamente a ideologia,¹ sendo evidente o despropósito em empreender uma discussão acerca dessa categoria como objetivo lateral de um artigo. Este texto tem

¹ Diversos livros e/ou coletâneas clássicas que oferecem uma lista extensa e competente de teorias da ideologia influentes, dentro e fora do campo marxista. Para citar três trabalhos conhecidos: Eagleton (1997), Konder (2020) e Žižek (1996).

por objeto a popularização de teorias científicas que veiculam uma determinada interpretação sobre a relação entre a condição individual e o mercado: a teoria do capital humano e a do empreendedorismo. Acontece que, como registrado até no título do artigo, nossa intenção é caracterizar o conjunto formado pelas teorias do capital humano e do empreendedorismo, junto com suas versões populares, como uma ideologia, a *ideologia empreendedora*. Com efeito, e em face da polissemia conceitual, é obviamente importante esclarecer o que pretendemos dizer com a palavra.

Nossa referência direta é a concepção do filósofo marxista György Lukács. A vasta obra de Lukács contém ao menos duas elaborações muito sólidas, mas não exatamente conciliáveis, sobre ideologia: a da obra-prima publicada no início dos anos 1920, *História e consciência de classe*, e a de sua obra-prima derradeira (e inacabada), *Para uma ontologia do ser social*.² Pretendemos nos apoiar na segunda elaboração, mas não poderíamos deixar de mencionar um ponto de contato entre ambas: ideologia, seja na primeira formulação lukácsiana, seja na segunda, é sempre pensada em termos das contradições sociais, particularmente do confronto entre classes sociais.

Em sua obra ontológica, Lukács considera a ideologia como um atributo de ideias capazes de mobilizar pessoas justamente para “dirimir conflitos sociais” (em particular, conflitos de classe). (Lukács, 2013, p. 564) A ideologia não é pensada como substantivo, neste caso, mas como *adjetivo*, como qualidade de ideias que têm a capacidade de desempenhar o que ele chama de *função ideológica*³: permitir que os seres humanos respondam a problemas cotidianos numa sociedade em que existem condições materiais, culturais, políticas etc. distintas, desiguais e contraditórias. O autor reconhece um sentido mais estrito de ideologia, em que a *função ideológica* se relaciona justamente à resolução de problemas cotidianos em meio aos conflitos sociais próprios de sua época histórica, e um sentido mais amplo, no qual o referente é a contradição entre indivíduo e gênero humano tal como expressa sob a forma da contradição entre interesses particulares e interesses gerais.⁴

O que diferencia essa teoria da ideologia do último Lukács daquela mais difundida no campo marxista⁵ é o fato de que a função ideológica não depende do caráter gnosiológico das ideias que a

² Cf.: Lukács (2016; 2013). Uma exposição muito organizada da última concepção de Lukács da ideologia pode ser encontrada em Vaisman (2010).

³ Nas palavras de Lukács: “ser ideologia de modo algum constitui uma propriedade social fixa das formações espirituais, sendo, muito antes, por sua essência ontológica, uma função social e não um tipo de ser”. (Lukács, 2013, p. 564)

⁴ O sentido mais amplo de ideologia pode ter uma existência antecedente à fratura da sociedade em grupos sociais opostos (castas, estamentos e classes). Por exemplo, normas de convívio de uma comunidade na qual tais divisões não apresentaram ou não se consolidaram podem causar reação em indivíduos determinados. Ideias mobilizadoras, capazes de conciliar esse conflito, poderiam desempenhar a função ideológica. (Lukács, 2013, pp. 474-479) Na concepção de Lukács, nas sociedades de classe, essa forma de ideologia atinge um caráter mais elevado, de ideologia *pura*, pois transcende os conflitos particulares para tratar justamente da conciliação entre a vida pessoal e a mais plena realização possível do gênero humano. A filosofia e a arte seriam formas de ideologia pura. (*ibidem*, p. 538)

⁵ Há que se registrar que não há uma teoria da ideologia que seja consensual entre marxistas, embora haja, de fato, uma concepção dominante: aquela segundo a qual a ideologia é a forma de reflexão acerca do mundo baseada na associação entre, de um lado, a *reificação* e o *estranhamento* (ou seja, na percepção de relações sociais e objetivações da prática humana como “coisas” dissociadas da atividade social que as produz) e, de outro, a *inversão da relação entre ser e consciência* (como se a realidade resultasse da consciência e não o inverso). Na sociedade capitalista, a ideologia refletiria sua forma aparente, posto que, nesta sociedade, as relações sociais figuram, de fato, como “coisas” estranhadas do fazer

desempenham. (*ibidem*, pp. 466-468; pp. 480-481) Em outras palavras, tanto ideias falsas como verdadeiras podem desempenhar um papel importante na mobilização da prática em meio a conflitos sociais. Por exemplo, a teoria heliocêntrica desempenhou um papel ideológico importante quando, muito tempo após sua elaboração, finalmente se converteu em argumento contra a dominação política teologicamente justificada. (*ibidem*, p. 467) De forma semelhante, a qualidade de ideologia não tem relação necessária com o conteúdo moral das ideias que passam a portá-la: concepções infames, como o nazismo, ou emancipadoras, como o feminismo, adquiriram e preservaram seu caráter de ideologia.

As duas teorias que examinamos mais proximamente aqui, a teoria do capital humano e a teoria do empreendedorismo, foram capazes de superar o campo acadêmico e difundirem-se como elementos de uma ideologia, que aqui denominamos *ideologia empreendedora*. Como acabamos de dizer, essa capacidade não tem relação necessária com o caráter de verdade das ideias (ou mesmo com seu caráter moral), mas com a possibilidade de gerar uma resposta *pessoal* (e, eventualmente, coletiva) a problemas cotidianos numa sociedade em que os indivíduos se opõem como sujeitos de diferentes classes, raças, gêneros, etnias etc. Para compreender nosso ponto, é preciso ter ao menos uma visão geral de cada uma dessas teorias, de modo a que se possa lançar luz sobre seus elementos comuns e, principalmente, sobre suas diferenças. É o que faremos na seção seguinte.

3. Do capital humano ao empreendedorismo: os fundamentos teóricos da ideologia empreendedora

Ainda que a relação entre escolaridade e nível de renda já fosse estudada no âmbito da economia neoclássica pelo menos desde os anos 1930, é apenas com a elaboração do conceito de capital humano, no fim dos anos 1950, que o tema ganha importância duradoura no debate econômico. Depois do trabalho considerado pioneiro de Jacob Mincer (1958), buscando medir o retorno de “investimentos em educação” sobre a renda individual, Theodore Schultz e Gary Becker, membros da Universidade de Chicago, seguiram desenvolvendo o conceito ao longo dos anos 1960.⁶ Schultz (1960) é o primeiro a escrever sobre o impacto do investimento em educação no nível de crescimento econômico. Mas é Becker, com a publicação do livro *Human capital* (1994), que delimita os contornos clássicos daquilo que até hoje se entende pela ideia:

humano e, ademais, a consciência, já na própria produção material, torna-se algo heterogêneo com relação à execução (o que normalmente é pensado em termos da oposição entre trabalho intelectual e manual). Ao refletir na consciência a figura distorcida que o capitalismo adquire por necessidade, a ideologia favorece a preservação da estrutura de propriedade e, portanto, de poder típicas desta sociedade. Por isso, é comum que, nessa vertente, a ideologia seja muitas vezes sinteticamente definida como o pensamento falso socialmente necessário. Uma caracterização consagrada e acessível dessa forma dominante de compreender a ideologia encontra-se em Chauí (1980). Uma crítica desse tipo de concepção da ideologia, baseada na obra de Lukács, pode ser encontrada em Vaisman (1996; 2010).

⁶ Um histórico bem construído da teoria do capital humano encontra-se em Brown, Lauder e Cheung (2020: Part I).

O capital humano não é apenas o resultado da educação formal, mas inclui experiências e práticas de aprendizagem que ocorrem no ambiente empresarial, bem como a educação não formal, como cursos de formação específica que não fazem parte das tradicionais estruturas formais de educação. Assim, a experiência no mercado de trabalho e a formação profissionalizante orientada são teoricamente benéficas para aumento do capital humano (Becker, 1994).

A ideia básica por trás do conceito de capital humano formulado por Becker é a de que a lógica de maximização da utilidade, que fundamenta a teoria da firma capitalista no pensamento neoclássico, também pode ser utilizada na análise do comportamento individual e de seus resultados econômicos. Na teoria do capital humano, o indivíduo é caracterizado à semelhança de uma firma, com a diferença obviamente decisiva de que sua operação incide sobre a própria existência do indivíduo simbiótico capitalista-trabalhador. Seu comportamento é equacionado nos moldes de uma função de produção, contabilizando insumos de um lado e um produto determinado de outro. Com os insumos adequados, isto é, adquirindo competências específicas, o indivíduo se tornaria mais produtivo e capaz de auferir benefícios maiores com seu trabalho, ou seja, obter uma renda maior. Nesse contexto, os rendimentos do trabalho também podem ser compreendidos como dividendos sobre os “investimentos” que as pessoas fazem “em si mesmas”, no seu capital humano, ao longo da vida, de modo que o próprio indivíduo aparece como um caso particular da lógica universal de acumulação de capital.⁷ Em última instância, o indivíduo é concebido como sendo ele mesmo um capital (aqui entendido no sentido econômico vulgar de patrimônio que gera rendimentos⁸) que acumula valor (capital humano) e entra em competição pelo lucro (renda) com os demais capitais individuais.

Se o capital humano foi conceituado como o conjunto de conhecimentos, habilidades, condições e experiências dotadas de valor econômico, a literatura sobre empreendedorismo ampliou o escopo de competências individuais vistas como economicamente úteis. Assim, dimensões que antes se encontravam fora do âmbito original da teoria do capital humano também passaram a ser consideradas elementos determinantes do êxito econômico, tais como as capacidades de julgamento e de tomada de decisões e até mesmo a capacidade de ter ideias criativas.

⁷ Quando essa teoria é incorporada ao saber econômico convencional, além de seu sentido originário, ela passa também a ser pensada em termos inversos: ou seja, como meio de elevação da produtividade global da sociedade e, portanto, de aumento de investimentos e empregos. Há uma evidente falácia de composição neste caso, pois não se trata mais da recomendação antissocial, mas efetiva para que os indivíduos se qualifiquem de forma a superar outros indivíduos na concorrência por vagas no mercado de trabalho, mas sim da ideia de que a qualificação *produza por si novas vagas*. Essa ideia aparece expressa sinteticamente, ainda que na linguagem exotérica dos economistas neoclássicos, em Acemoglu e Autor (2012).

⁸ Como se sabe, Marx rechaçou essa concepção aistórica de capital e o concebeu como uma relação social de produção na qual os seres humanos percebem todos os elementos que constituem a riqueza como meios de enriquecimento privado. Historicamente essa relação social só pôde se consolidar a partir da relação entre a classe capitalista e a classe trabalhadora. Antes mesmo de ter gestado as categorias definidoras de sua crítica da economia política, Marx (junto com Engels) já dizia: “Ser capitalista significa assumir uma posição não apenas puramente pessoal, mas também uma posição social na produção. O capital é um produto coletivo, algo que só pode ser posto em movimento pela atividade conjunta de muitos membros da sociedade, ou, em última instância, pela atividade conjunta da totalidade de seus membros”. (Marx e Engels, 2012, p. 61).

Mesmo que a teoria de Schumpeter sobre o papel da inovação no desenvolvimento capitalista possa ser considerada uma forma antecipada de estudo do empreendedorismo, o tema permaneceu marginal e disperso em diferentes disciplinas até os anos 1980.⁹ (Landström, 2020) É nessa época que um campo de pesquisa próprio acerca do tema começa a se afirmar. A noção ampla de empreender, significando a condução de atividades voltadas à obtenção de lucro, claro, é bem mais antiga. (Vale, 2014; Landström, 2020) Mas não parece fortuito que a ascensão do empreendedorismo como teoria científica coincida com uma série de declarações sobre sua importância para o sucesso individual e coletivo. Por exemplo, em 1985, Ronald Reagan, então presidente dos Estados Unidos, proclamou a década de 1980 como a “era do empreendedor”.

A consolidação do empreendedorismo como campo de pesquisa, portanto, coincide com a emergência do tema no discurso cotidiano – assunto ao qual retornaremos na sequência. Essa característica contribui para que uma definição clara e consensual de conceitos-chave ligados ao empreendedorismo seja uma tarefa difícil. O empreendedorismo pode ser abordado, por exemplo, como uma função desempenhada por indivíduos em suas atividades econômicas. É o caso do criador de oportunidades de Baumol (1990) ou do empresário inovador de Schumpeter (1934), ou ainda, de modo mais genérico, do capitalista que gere um empreendimento produtivo, o que remonta, em última análise, a Smith (1985). Mas a figura do empreendedor também pode ser abordada a partir do conjunto de atributos ou competências que o definem. É nessa abordagem concentrada em atributos sociológicos, psicológicos e comportamentais do empreendedor que parece haver uma zona ainda maior de interseção entre a teoria do capital humano, o conceito de empreendedorismo e o uso comum do termo na linguagem cotidiana.

Os primeiros estudos sobre a relação entre capital humano e empreendedorismo aparecem nos anos 1990.¹⁰ (Marvel *et al.* 2016) À primeira vista, porém, não se nota uma filiação teórica direta entre a teoria do capital humano desenvolvida por autores ligados à escola de Chicago e a reflexão mais sistemática em torno da ideia de empreendedorismo. De modo geral, o conceito de capital humano é expandido para dar conta de outros atributos individuais pertinentes ao campo do empreendedorismo e, como tal, tende a ser utilizado como variável explicativa do êxito em criar empresas ou em mantê-las funcionando, por exemplo. No plano teórico imediato, pois, parece se tratar de duas teorias articuláveis, mas estanques. Em outras palavras, é possível sustentar cada uma das construções sem recorrer necessariamente à outra.¹¹ Contudo, por trás da aparente ausência de

⁹ Entre os antecedentes da teoria do empreendedorismo são mencionados, na verdade, diversos autores e correntes, numa escolha aparentemente aleatória. Boutillier e Uzunidis (2014), por exemplo, citam o próprio Schumpeter, Smith, Coase e até Marx como pioneiros da moderna teoria do empreendedorismo!!!

¹⁰ Sobre a relação entre a teoria do capital humano e a teoria do empreendedorismo, ver também Estrin *et al.* (2016).

¹¹ Que a teoria do capital humano independe da teoria do empreendedorismo constata-se facilmente pela simples precedência cronológica da primeira sobre a segunda. Mas o campo de pesquisa sobre o empreendedorismo, por sua vez, também dispensa a causalidade estabelecida por Becker entre educação e nível de renda.

encadeamento teórico entre elas, há sim, além de forte complementaridade temática, uma lógica comum que serve de substrato às duas formulações. Vejamos os dois pontos separadamente.

Do ponto de vista da complementaridade temática, pode-se elencar três argumentos básicos capazes de resumir a importância do conceito de capital humano para o campo do empreendedorismo (Marvel *et al.* 2016). Primeiro, o capital humano é essencial na descoberta de oportunidades empreendedoras. Em segundo lugar, considera-se que o capital humano é útil na aquisição de recursos financeiros que permitem lançar novas empresas. Terceiro, o acúmulo de capital humano ajuda a expandir as vantagens competitivas das empresas. A ligação entre capital humano e empreendedorismo é, portanto, nítida: quanto maior o acúmulo de capital humano (basicamente, conhecimentos aplicáveis na geração de valor), maiores são as chances de êxito empreendedor. (Davidsson & Honig, 2002; Unger *et al.*, 2011) Em outras palavras, postula-se que “diante de um cenário de oportunidades rentáveis para novas atividades econômicas, os indivíduos com mais capital humano são os que melhor percebem a exploração de oportunidades de sucesso” (Fontenelle & Moura 2011).

Do ponto de vista do substrato lógico comum, não é difícil notar, tanto na teoria do capital humano quanto na abordagem individualizada do empreendedorismo, o argumento implícito de que, se o indivíduo pode maximizar seus ganhos ou chances de êxito investindo em “si”, então esse mesmo indivíduo também se torna responsável por seu próprio nível de renda ou pelo sucesso de própria empresa. Em ambos os construtos, a responsabilidade pela obtenção das capacidades decisivas para o sucesso econômico recai implícita ou explicitamente sobre o indivíduo. Tem-se a sobreposição de uma mesma ontologia individualista (atomista) que, ademais, concebe a ação humana sob o prisma da valorização e da competição, ao ponto de reduzir a própria ação humana a uma dimensão da reprodução econômica do capitalismo. Isso não é nada surpreendente, já que para Becker (1994) toda ação humana é capaz de ser compreendida por meio da análise econômica, o que significa que, para o autor, todos os aspectos do comportamento humano podem ser traduzidos em termos de preços.

É evidente que, por si só, a concepção do ser humano como capital e sua assimilação pelo campo de estudos do empreendedorismo não poderia ter produzido as mudanças subjetivas e o surgimento da ideologia empreendedora. Foi necessário que essa concepção descesse ao cotidiano em formas vulgarizadas numa época em que as pessoas de carne e osso que constituem a classe trabalhadora se sentissem particularmente isoladas e absolutamente sós diante do mercado. Uma época como a atual não poderia ter a ópera como seu produto cultural típico, da mesma forma como dificilmente teria ideias sobre as relações sociais baseadas na solidariedade. De todo modo, entre o plano mais elevado, teórico, e as formas vulgarizadas, há um vasto terreno de mediação ocupado pelos elementos que atuam diretamente sobre a produção simbólica, dentre os quais se destacam, nas

condições atuais, o Estado, as empresas da chamada indústria cultural, incluindo aí a mídia corporativa.

4. A gênese histórica da ideologia empreendedora

Compreender a gênese da ideologia empreendedora é algo diferente, entretanto, de compreender os elementos que atuam deliberadamente ou não no sentido de sua ampla difusão. No primeiro caso – que trataremos agora, deixando a questão da difusão para a seção seguinte –, parece-nos inevitável reconhecer como elemento causal decisivo a sucessão de crises econômicas que começaram na década de 1970 nos países centrais e que se espalharam pela sempre mais instável periferia global. No campo marxista, essa conjuntura de instabilidade permanente tem sido interpretada em termos da tendência à queda da taxa de lucro, cuja causa última é a própria dinâmica capitalista baseada na extração de mais-valor relativo.¹² Mecanismos diversos teriam ativado a capacidade produtora de fenômenos dessa tendência, dentre as quais podemos destacar particularmente a hipertrofia das formas financeiras de capital, que elevaram a partilha do mais-valor, reduzindo a taxa de lucro. (Carcanholo, 2021)

Diante da efetivação da tendência à queda da taxa de lucro, a reação do capital no sentido de restaurá-la envolveu e ainda envolve elementos contra-arrestantes diversos, desde a redução do período de rotação do capital (que tem relação direta com a catalização da crise ecológica) até, como não poderia deixar de ser, o aumento brutal da extração de mais-valor absoluto e relativo (que, neste último caso, retroalimenta a tendência).¹³ Neste caso, o resultado não poderia ter sido alcançado na presença de obstáculos institucionais ao avanço do capital sobre o trabalho: leis trabalhistas rígidas, sindicatos fortes, movimentos sociais ativos, sistema previdenciário sólido, provimento dos chamados bens públicos de qualidade e gratuitos etc. Não surpreende, portanto, que a história do capitalismo do último meio século tenha justamente a desarticulação desse aparato institucional como um de seus mais importantes traços definidores.

Também não é nada surpreendente que, no mesmo período, uma agenda política passou a ser implementada a partir da ideia de que a estagnação econômica poderia ser combatida por meio da flexibilização das relações de produção e da circulação de bens e serviços.¹⁴ O modelo adotado passou

¹² Para evitar oferecer uma lista extensa de referências, sugerimos o artigo de Carcanholo (2021) e Augusto (2005) que, além de teoricamente rigorosos, abordam elementos diversos do debate no campo marxista sobre a relação entre a tendência à queda da taxa de lucro e as crises. A bibliografia mobilizada nesses dois trabalhos pode servir de ponto de partida para uma pesquisa sobre o tema.

¹³ Cf.: Marx (2017b, Seção III).

¹⁴ Concordamos, todavia, com Carcanholo (2017, pp. 131-133) quando ele afirma que o neoliberalismo não pode ser confundido com a adoção de políticas econômicas ortodoxas, sendo antes uma estratégia de desenvolvimento pró-capital baseada em, segundo seus próprios formuladores, estabilização macroeconômica e reformas estruturais liberalizantes. A estabilização macroeconômica, uma expressão técnica que quer dizer apenas contenção da inflação qualquer que seja o custo humano, poderia ser obtida por meio de políticas ortodoxas ou heterodoxas.

a favorecer a privatização de bens públicos (educação, saúde, moradia, aposentadoria etc.), a liberalização do sistema financeiro, a abertura das economias nacionais ao comércio global, a fixação compulsiva com a austeridade fiscal. A história da imposição desse conjunto de medidas de mercantilização radical da vida a países de todo o globo é bem conhecida e pode ser retratada pelo binômio típico da teoria da hegemonia de Gramsci: (muita) coerção e consentimento. A rigor, trata-se da mesma coisa operando por meios diversos, pois o “consentimento”, neste caso, foi forjado pela própria coerção – o que pode ser ilustrado tipicamente pelos golpes de Estado da América do Sul dos anos 1960 e 1970, que desequilibraram com a morte e tortura tanto as disputas no campo político quanto no terreno intelectual e artístico.

O que nos importa enfatizar, contudo, é que, antes da virada neoliberal, as chamadas “falhas” intrínsecas ao funcionamento do capitalismo eram frequentemente apontadas como sendo responsáveis pelo desemprego e pela desigualdade social, por exemplo. A partir dos anos 1980, esses mesmos males passaram a ser sistematicamente atribuídos ao Estado e às instâncias de representação de classe dos trabalhadores, sindicatos partidos de esquerda tradicionais. Nessa nova abordagem, o capitalismo deixou de ser visto como o problema e passou a ser considerado a solução universal, como defendido por autores como Milton Friedman, outro membro da Universidade de Chicago.

Quando, de fato, a regulação estatal e a operação dos mecanismos de representação coletiva da classe trabalhadora são percebidas como o problema, a solução para os desajustes sociais passa a ser buscada nos próprios indivíduos, que são compelidos a se comportar de acordo com essa nova realidade. Com o desmonte do Estado provedor de bem-estar social (onde algo assim chegou a tomar forma, claro), o ataque aos sindicatos e a domesticação dos partidos de esquerda, a palavra de ordem se torna *responsabilidade individual*. Responsabilidade para investir em si mesmo e fazer as escolhas profissionais corretas de modo a garantir acesso a educação, saúde, moradia e aposentadoria, já que a oferta de bens públicos foi sendo pouco a pouco estrangulada.

Acontece que a experiência produzida após a modelagem neoliberal do mundo está longe de assemelhar-se ao cenário prometido pelos cientistas que a prescreveram e sustentaram. A maior parte da população mundial enfrenta um cotidiano bárbaro, marcado pela insegurança no trabalho, pelas longas jornadas, pela baixa remuneração, pelas condições habitacionais precárias, pelo ambiente urbano totalmente degradado.¹⁵ A isso se soma o caleidoscópio de horrores da crise climática, das guerras, das pandemias e da imigração.¹⁶ Nessa conjuntura, não por acaso, recrudescem sentimentos baseados no ódio e no reacionarismo romântico, como o racismo, o machismo, o chauvinismo e

¹⁵ Não há como maquiagem a tragédia social contemporânea. Por conseguinte, há uma plethora de estudos de organizações como o Banco Mundial, a ONU (PNUD) e o próprio FMI que registram os efeitos danos do neoliberalismo. Recomendamos, em particular, os trabalhos da ONU (PNUD), por sua maior diversidade temática: [link](#).

¹⁶ A pandemia de coronavírus permitiu a difusão de reflexões diversas sobre o estado de degradação social e ambiental em que nos encontramos. Podemos citar, por exemplo, uma conjugação entre os trabalhos de Antunes (2022) e de Sá Barreto (2022, Parte III).

doenças sociais semelhantes. É evidente que um cotidiano de barbárie, que fratura relações pessoais e mecanismos de solidariedade coletiva, por outro lado favorece ainda mais as ideias que motivam uma prática de reação individual contra pessoas e condições hostis.

Nesse contexto de ênfase no individualismo, a precariedade passa a ser literalmente vendida como liberdade. Ato contínuo, a novilíngua neoliberal difunde a ideia de que a empregabilidade depende da flexibilização das relações de trabalho e que isso, na verdade, é uma conquista do trabalhador. É assim que, paulatinamente, o modelo padrão de comportamento espelhado organizadamente para o indivíduo passa a ser o do empreendedor. Afinal, a prosperidade depende de indivíduos capazes de criar e aproveitar oportunidades. A emergência da ideologia empreendedora acompanha perfeitamente, enfim, as mudanças nas condições de vida e trabalho que se convencionou chamar de neoliberalismo.

A ideologia empreendedora oferece a comodidade de reunir uma série de justificativas e formas de convencimento no interior de um mesmo discurso. O próprio caráter vago do conceito de empreendedor permite que ele se aplique a várias situações diferentes e, dada a massificação do discurso pró-mercado, numa valoração quase sempre positiva do termo. Essa ideologia apresenta, de fato, um potencial de unificação e de generalização formidáveis do ponto de vista dos interesses de reprodução do capital, o que de certo modo explica o investimento massivo da mídia corporativa em promovê-la.¹⁷

Virtualmente qualquer pessoa pode se tornar um empreendedor ou uma empreendedora: o fundador de uma empresa, a gerente de um pequeno negócio por conta própria, uma jovem em busca de seu primeiro emprego ou qualquer pessoa que tome uma iniciativa estratégica no interior de uma empresa, assim como uma artista e até um pastor ou padre. Isso transforma o empreendedorismo num conjunto de crenças que justifica e legitima o comprometimento dos indivíduos muito diversos em atributos pessoais e sociais com a reprodução da sociabilidade capitalista.

O empreendedorismo desponta, em suma, como a ideologia de crise prolongada do capitalismo ou (e esta é a outra face da moeda) como o conjunto crenças que permite aos que representam o interesse do capital incorporar a realidade do fracasso social à psicologia coletiva, invertendo o sentido da crise. O empreendedor da própria vida fornece assim o mecanismo de controle social ideal – posto que interno, voluntário e invisível – da própria classe trabalhadora num mundo caindo aos pedaços.

¹⁷ No Brasil, a maior corporação midiática do país, a Rede Globo, lançou em 2019, com consórcio com outras megacorporações (inclusive bancos), a campanha VAE: Vamos Ativar o Empreendedorismo ([link](#)). Desde então, as peças publicitárias da campanha têm sido veiculadas insistentemente em todos os veículos da Globo. Há ainda, no Brasil, um canal de TV por assinatura exclusivamente dedicado ao empreendedorismo, o Canal Empreender ([link](#)).

5. A internacional capitalista: a difusão da ideologia empreendedora

Uma breve consulta na internet (ou uma noite em frente aos telejornais e/ou novelas) permite revelar que a teoria do capital humano e a teoria do empreendedorismo foram capazes de transpor os muros das universidades e influenciar o senso comum. Nos últimos anos, talvez há mais de uma década, a versão popularizada da teoria do empreendedorismo, em particular, está presente em todo lugar: no jornalismo, nos livros de crianças em idade tenra¹⁸, nas propagandas de produtos diversos, em filmes etc. Não é nenhum absurdo sugerir que, após já uma certa continuidade, a ideia povoa o senso comum e motiva ações práticas. Isso, na verdade, é mera constatação factual, pelo que cabe agora explicar essa capacidade.

Dois elementos são decisivos para isso. O primeiro deles foi já abordado na seção anterior. A atual conjuntura da reprodução capitalista torna cada vez mais precária a condição dos trabalhadores em plano mundial (inclusive nos chamados países “do centro”), ressuscitando formas brutais de extração do mais-valor como condição necessária para a recuperação das taxas de lucro. Dissemos ali que isso não poderia ocorrer sem a eliminação de anteparos institucionais ao aumento da taxa (e, podemos acrescentar agora, da massa) de mais-valor: leis trabalhistas, sindicatos fortes e atuantes, previdência social e Estado de bem-estar etc. Ocorre que o mesmo pode ser dito de ideias capazes de conformar a consciência das classes proprietárias e, sobretudo, da classe trabalhadora, fazendo com que percebam esse processo como algo necessário ou mesmo natural (no sentido de inevitável, ou seja, necessariamente implicado pelo modo como a sociedade opera regularmente).

Não é possível exagerar essa relação entre a atual condição do capitalismo e as ideias que mobilizam as práticas das diferentes classes sociais sem incorrer num economicismo vulgar. Ideias e práticas sociais nunca são uniformes, monolíticas, ou uma expressão mecânica direta de condições econômicas determinadas, mas sempre comportam contradições e uma historicidade própria. No caso da ideologia empreendedora, isso se revela tanto nas diferentes formas de contestação de sua lógica, teóricas ou não, mas também no próprio esforço midiático e propagandista para fazer de tais ideias senso comum. De todo modo, é certo que uma economia escravagista não pode subsistir por muito tempo sem uma cultura escravagista, da mesma maneira que a barbárie capitalista não poderia progredir aceleradamente na ausência de uma cultura da conformação.

¹⁸ A mais conhecida série de quadrinhos do Brasil, a Turma da Mônica, da Maurício de Souza Produções, fechou uma parceria com o Sebrae para lançamentos frequentes sobre o tema do empreendedorismo. A temática foi incluída como disciplina da grade curricular de inúmeras escolas particulares do país. ([link](#)) Num livro didático adotado para crianças do primeiro segmento do ensino fundamental (*crianças entre 8 e 9 anos*), intitulado *Oficina de negócios: empreendedorismo para crianças*, os empreendedores são apresentados da seguinte forma: “O empreendedor nato tem um conjunto de características indispensáveis. Tem coragem para aceitar riscos, é otimista e possui um desejo grande de ser protagonista. O empreendedor precisa fazer uma coisa em que ele acredita”. (Noronha e Soares, 2017, p. 18).

O mérito das duas teorias que conformam os pilares científicos da ideologia empreendedora reside, no que se refere à própria ideologia, justamente em sua capacidade de reeditar um argumento típico das teorias econômicas do bem-estar social, desde seus antecedentes grotescos da formulação malthusiana: responsabilizar as vítimas das contradições insuperáveis da reprodução capitalista por sua própria condição.¹⁹ Se Malthus, um dos primeiros e mais impudentes teóricos da miséria alheia, culpava o ímpeto sexual do que chamava de “camadas mais baixas da população” (ou seja, trabalhadoras e trabalhadores em pior condição material), as formulações atuais responsabilizam os indivíduos por decisões presumidamente racionais tomadas em condições sociais que são apenas artificialmente declaradas como passíveis de serem equalizadas.

Isso já foi dito, ainda que brevemente. Agora, acrescentaremos um novo elemento: as teorias do capital humano e do empreendedorismo são capazes de difundir a lógica de responsabilização individual dos sujeitos seja na condição de trabalhador seja na condição de empreendedor mesmo – desde o século XVIII, pelo menos, um eufemismo para capitalista.²⁰ Em ambos os casos, a rigor, os sujeitos são retratados como capitalistas de si próprios que podem oferecer seu “capital individual” para aproveitamento alheio ou para autoexploração. O ponto decisivo dessa homogeneização dos sujeitos como capitalistas de si próprios é que, em tese, não há nenhum atributo particular que seja exigido para que assim se percebam e sejam retratados: brancos, brancas, povos indígenas, pretas e pretos, jovens, idosos, católicos e muçulmanos, qualquer pessoa poderia desenvolver suas capacidades e tornar-se assim, presumidamente, capaz de extrair porções adicionais de riqueza do mercado.

Se pensarmos na condição de classe, há algo curioso aqui. Ainda muito jovem, Marx já foi capaz de perceber que, para aqueles que expressavam em linguagem teórica a insensibilidade do capital diante da classe trabalhadora (ou seja, os economistas), o proletariado não passava de um cavalo produtivo, desprovido de qualquer atributo ou interesse particular que não a possibilidade de servir ao processo produtivo. (Marx, 2015, p. 253) Em tese, de fato, qualquer ser humano pode vender sua força de trabalho ao capital e, para o capital, a única condição relevante é que o consumo da força de trabalho resulte em mais-valor. Como disse o mesmo autor anos depois, “diante do capital, todos os seres humanos são iguais: uma modista e um ferreiro”.²¹ (Marx, 2013, p. 327) Considerando que a condição de pertencimento à classe trabalhadora (i. e., a tendência à proletarização) progrediu ao longo dos séculos até alcançar a maioria esmagadora da população mundial *pari passu* com o próprio

¹⁹ Medeiros (2013, Capítulo 13) elabora uma crítica marxista da teoria do capital humano em sua extrapolação como teoria econômica do bem-estar social. Essa crítica também poderia ser estendida à teoria do empreendedorismo, como muita pouca adição.

²⁰ De acordo com Gláucia Vale (2014, p. 876), a origem da palavra empreendedor “utilizada no sentido de alguém que controla uma empresa, teria surgido em 1770, com Abbé Galiani”, embora seu uso tenha se tornado frequente apenas no século XIX com os trabalhos de Saint-Simon.

²¹ Sobre a noção de classe trabalhadora, como diz o título do livro “do tempo de Marx aos dias atuais”, ver Mattos (2019).

avanço do capital pelo globo e por sua penetração no tecido da vida social, *a diversidade interna à classe se acentuou extraordinariamente*. Se transformar a condição *em si* de trabalhador ou trabalhadora numa autoconsciência de classe que faculte uma mobilização coletiva sempre foi uma questão dos movimentos políticos em favor da classe trabalhadora, a tarefa tornou-se cada vez mais complexa em meio a esse processo formação de diversificação.

Não faltaram, ao longo da história dos movimentos políticos da classe trabalhadora, rendições e declarações de fracasso. Teóricos e políticos que declararam o fim do trabalho, o fim das classes e, como base nisso, o fim das ideologias nada mais fizeram do que rejeitar a ideia de que a condição de trabalhador e trabalhadora *em si* pudesse servir de base para a formação de uma consciência coletiva universal que amalgamasse as pessoas não por aquilo que têm de diverso em sua particularidade ou mesmo singularidade (a língua, a cor da pele, a orientação sexual, a cultura, a etnia, os gostos mais íntimos e, eventualmente, excêntricos etc.), mas justamente por essa condição virtualmente universal em nosso tempo histórico. Numa síntese extrema, desde o ponto de vista político-ideológico, pode-se dizer que a história do pensamento de esquerda tem como elemento central, há pelo menos um século, a viabilidade do projeto de formação da consciência da classe trabalhadora.

Pois enquanto, na esquerda, discutia-se (e ainda se discute) abertamente a possibilidade de forjar uma consciência de classe com pretensão universal, por outro lado, a própria reprodução capitalista tratou de favorecer espontaneamente a formação de uma consciência de classe com o mesmo caráter universal, mas de sentido inverso. Aquilo que a chamada nova esquerda ou esquerda pós-moderna rejeitou como inalcançável e, ademais, indesejável, emergiu na prática como realidade e hoje, em grande medida, como projeto: a conformação da consciência dos sujeitos como capitalistas em potencial, o que significa dizer, na maioria dos casos, de trabalhadores e trabalhadoras que enxergam no espelho o oposto do que são.²²

Temos, portanto, o seguinte paradoxo. De um lado, a maioria absoluta da população mundial pertence, *em si*, à classe trabalhadora, mas grande parte do pensamento ilustrado afinado com os interesses dessa classe e com suas expressões ideológicas rejeita, contraditoriamente, a conformação da consciência da classe trabalhadora. Por outro lado, apenas uma minoria ínfima da população pode ser dita, de fato, capitalista, mas o pensamento ilustrado que representa o capital e as suas expressões ideológicas conseguiram difundir, na prática, uma consciência dessa classe como universal – aquilo

²² A novidade aqui é apenas a escala que a difusão ideológica alcançou, pois o pensamento conservador sempre procurou apagar as fronteiras entre as classes sociais. Ainda em 1847, ainda num momento prematuro de sua crítica da economia política, Marx distinguia três escolas do pensamento econômico: a fatalista, a humanitária e a filantrópica. Sobre esta última, dizia o autor: a escola filantrópica “nega a necessidade do antagonismo; quer tornar burgueses todos os homens e realizar a teoria na medida em que esta se distingue da prática e não contém nenhum antagonismo. É supérfluo dizer que, na teoria, é fácil abstrair das contradições que encontramos a cada passo na realidade. Essa teoria seria então a realidade idealizada. Assim, os filantropos querem conservar as categorias que exprimem as relações burguesas sem o antagonismo que as constitui e é inseparável delas. Imaginam combater seriamente a prática burguesa e são mais burgueses que os outros”. (Marx, 2017a, p. 112).

que podemos chamar de *internacional capitalista*. A internacional capitalista é, portanto, o processo de difusão da ideologia empreendedora como senso comum.

O sucesso da internacional capitalista tem relação com o próprio poder do capital, que hoje domina de modo muito estreito a chamada indústria cultural, de formação e difusão simbólica, do jornalismo a todas as formas de arte. Mas talvez seja ainda mais importante reconhecer que a prática de trabalhadores e trabalhadoras orientadas pela consciência da classe oposta configura uma reação às condições brutais do capital que, em vez de obstá-las, as reforçam *deliberadamente*. A rigor, esse é justamente a função ideológica das teorias que aqui examinamos: elas são, em sua versão vulgarizada, formas de consciência destinadas a desarmar impulsos revolucionários *ou mesmo reformistas* das pessoas que, em sua diversidade, constituem a classe trabalhadora.

6. Nota conclusiva: para além da ideologia empreendedora (e do fascismo)

Para encerrar com uma nota conclusiva, é frutífero recorrer, ainda que brevemente, a uma ilustração. Pensemos no fenômeno que tem sido designado por *uberização*: a forma de contratação da força de trabalho que tem a informalidade como regra e a demanda de trabalhadores *just in time* como característica central.²³ O fundamento objetivo da uberização é, indubitavelmente, a precarização geral do trabalho, de que é forma particular.²⁴ No plano subjetivo, no entanto, a uberização exige uma consciência da degradação pessoal como impulso para a dedicação desmedida e incondicional ao trabalho. Para a formação dessa consciência colaboram os temores concretos de carência material, mas também a crença de que é possível prosperar pelo desenvolvimento individual e pela autoexploração. A responsabilidade pelo fracasso deixa de ser projetada a uma instância supraindividual (o Estado ou, numa visão mais antiga, o mercado) e passa a ser lançada para a própria capacidade.

Esse tipo de consciência individualista e conformista exige, por sua vez, formas de consciência que deem conta dos indispensáveis laços sociais, desde as relações sociais mais íntimas (familiares e de amizade pessoal) até as mais impessoais (profissionais, por exemplo). Não é arriscado supor que diversas formas de interação social, quer ocorram no âmbito religioso, esportivo ou de qualquer outra atividade de lazer coletivo, atendem em larga medida a essa demanda. Também desempenha o mesmo papel ideológico as formas de consciência moralmente reprováveis, que tem por base a alteridade,

²³ Sobre a uberização, conferir: Antunes (2020) e Abílio et al. (2021).

²⁴ Tomando como exemplo o Brasil, os níveis de informalidade batem recorde ano após ano, a ideologia empreendedora se destaca como estratégia de sobrevivência em meio à desregulamentação das relações entre capital e trabalho, que se traduz em crescente insegurança e precariedade para muitos cuja existência depende apenas do próprio trabalho. Cf.: “Número de trabalhadores em aplicativos de entrega de mercadorias cresce quase 1.000% em 5 anos, aponta Ipea” ([link](#)) e “Informalidade recorde acompanha queda no desemprego em 2022, mostra pesquisa” ([link](#)).

referindo-se ao *diverso* de forma excludente e violenta: o racismo, o sexismo, a xenofobia etc. Esses são traços visíveis a olho nu da condição ideológica de nossa época.

Para quem nutre algum sentimento de repulsa ao capitalismo e uma esperança revolucionária, trata-se, lamentavelmente, de uma distopia realizada. Há, no entanto, uma contradição interessante, que precisa ser mencionada por conter em si uma fresta através do qual talvez possamos fazer deslizar novamente um sentimento revolucionário, embora a mesma fresta possa nos dragar para uma situação ainda mais dramática. A contradição de que falamos é a seguinte: o marxismo e, sobretudo, o comunismo dificilmente tiveram tão pouco prestígio popular. Pelo critério de Lukács, podemos dizer que deixaram de ser uma ideologia, pois perderam a função ideológica. A rigor, a maioria absoluta da população sequer tem uma vaga noção do que seja uma coisa ou outra. A despeito disso, porém, nota-se uma verdadeira fixação na extrema direita com o marxismo, em particular, e com o comunismo, em geral, como se ainda vivêssemos num passado em que esses termos significavam para as pessoas algo diverso do mal absoluto.

Essa contradição talvez expresse algo que parece ser cada vez mais verdadeiro: que o capitalismo perdeu a capacidade de oferecer à humanidade algo além do terror cotidiano atual e do extermínio projetado da vida humana. Pela primeira vez na história do capitalismo, a fronteira final de sua reprodução parece efetiva. Não é certamente possível permanecer em meio ao neoliberalismo sem acentuar a miséria, a desigualdade, a fome, a beligerância, a imigração em massa, as formas diversas de opressão e, ademais, sem tornar inevitável o colapso ambiental. A questão é que, considerando que a alternativa típica de regulação do capital é aquela que se baseia no controle do ciclo como meio catalisador do crescimento econômico (o chamado keynesianismo), então, ainda que isso surtisse efeitos sobre as chamadas mazelas sociais, o preço a ser pago seria alto demais: a catalisação da crise ambiental e, portanto, a abreviação do tempo de vida humana restante.

Num cenário como esse, parecem restar apenas duas alternativas diametralmente opostas no terreno ideológico: uma ideologia fascista e outra comunista. Então, curiosamente, a paranoia da extrema direita pode ter como fundamento o reconhecimento correto, ainda que torto, de que a única alternativa para preservar por algum tempo a atual estrutura de propriedade e de poder seja a eliminação massiva da população mundial fundada em formas de consciência excludentes e desumanas. E, no sentido inverso, que a única forma efetiva de oferecer à humanidade uma saída ao colapso ambiental seja uma revolução que rompa com a estrutura de propriedade, de classes e faça cessar a dinâmica cega do mercado. A disjuntiva luxemburguiana, revolução ou barbárie, nunca se apresentou de modo tão extremo.

Se nossa conjectura fizer sentido, é preciso reconhecer que ambas as alternativas dispensam a ideologia empreendedora, ainda que por motivos diversos. No caso do fascismo, porque o ponto não é autorresponsabilização de indivíduos abstratos, mas a eliminação de grupos humanos particulares.

No caso do comunismo, porque a ação anticapitalista depende de uma ampla solidariedade entre grupos humanos muito diversos no plano global. Os últimos cinquenta anos foram o período de ascensão e domínio da ideologia empreendedora, sendo provável que ingressemos a seguir num período de decadência de sua influência sobre o senso comum. Hoje, lamentavelmente, a ideologia que parece ser a candidata mais próxima de sucedê-la é a do fascismo. O que só reforça a necessidade de reeditar em curto prazo uma saída ideológica e uma prática revolucionária, que neguem tanto a ideologia empreendedora quanto a fascista, além das formas de prática por elas motivadas.

Referências bibliográficas

- Abílio, Ludmila Costhek; Amorim, Henrique; Grohmann, Rafael. “Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas”, *Sociologias*, Porto Alegre, ano 23, n. 57, mai-ago 2021, pp. 26-56.
- Acemoglu, Daron & Autor, David, “What does human capital do?”, *NBER Working Paper No. 17820*, Cambridge, MA, February 2012.
- Antunes, Ricardo (org.). *Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- Antunes, Ricardo. *Capitalismo pandêmico*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- Augusto, André Guimarães. “Lei de tendência à queda da taxa de lucro: resenha crítica de uma polêmica”, *Economia-Ensaios*, Uberlândia, 19(2), jul./2005, pp. 111-124.
- Baumol, William. “Entrepreneurship: productive, unproductive, and destructive”, *Journal of Political Economy*, Chicago, vol. 98, n. 5/1, Out., 1990, pp. 893-921.
- Becker, Gary [1964]. *Human capital*. A theoretical and empirical analysis, with special reference to education. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- Boutillier, Sophie & Uzunidis, Dimitri, “The theory of the entrepreneur: from heroic to socialised entrepreneurship”, *Journal of Innovation Economics & Management*, 2014/2, pp. 7-14.
- Brown, Phillip; Lauder, Hugh; Cheung, Sin Yi. *The death of human capital? Its failed promise and how to renew it in an age of disruption*. Nova Iorque: The Oxford University Press, 2020.
- Carcanholo, M. D. *Dependencia, super-explotación del trabajo y crisis: una interpretación desde Marx*. Madri: Maia Ediciones, 2017.
- Carcanholo, Marcelo Dias. “Crise capitalista: financeirização ou queda da taxa de lucro?”. In: Alves, Giovanni & Corsi, Francisco Luiz. (org.). *Crise capitalista no século XXI: um debate marxista*. Marília: Projeto Editorial Praxis, 2021, v. 1, pp. 121-144.
- Chauí, Marilena. *O que é ideologia*. Coleção primeiros passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- Davidsson, Per & Honig, Benson. “The role of social and human capital among nascent entrepreneurs”, *Journal of Business Venturing*, vol. 18, 2002, pp. 301–331.
- Eagleton, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editora da Unesp; Boitempo, 1997.
- Estrin, Saul; Mickiewicz, Tomas; Stephanb, Ute. “Human capital in social and commercial entrepreneurship”, *Journal of Business Venturing*, 31, 2016, pp. 449-467.
- Fontenelle, Raimundo E. S., Moura, Heber J., Leocadio, Aurio L. (2011). “Capital humano, empreendedorismo e desenvolvimento: evidências empíricas nos municípios do Ceará”, *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 12, n. 5, Set./Out. p. 182-208.

- Konder, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- Landström, Hans, “The evolution of entrepreneurship as a scholarly field”, *Foundations and Trends in Entrepreneurship*, vol. 16, n. 2, 2020, pp. 65–243.
- Lukács, György [1923]. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- Lukács, György [1986]. *Para uma ontologia do ser social – volume II*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- Marvel, Matthew R., Davis, Justin L., & Sproul, Curtis R. “Human capital and entrepreneurship research: a critical review and future directions”, *Entrepreneurship Theory and Practice*, 40(3), 2016, pp. 599–626.
- Marx, Karl. [1847] *A miséria da filosofia*. Resposta à *Filosofia da miséria* do Sr. Proudhon. São Paulo: Boitempo, 2017a.
- Marx, Karl. [1863-1867/1894] *O capital: crítica da economia política*. Livro III: O processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017b.
- Marx, Karl [1844]. “Manuscritos econômico-filosóficos”. In: Marx, Karl. *Cadernos de Paris & Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- Marx, Karl. [1867]. *O capital: crítica da economia política*. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- Marx, Karl & Engels, Friedrich [1848]. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2012.
- Mattos, Marcelo Badaró. *A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- Medeiros, João Leonardo. *A economia diante do horror econômico*. Uma crítica ontológica do surto de altruísmo da ciência econômica. Niterói: Eduff, 2013.
- Mincer, Jacob. “Investment in human capital and personal income distribution”, *Journal of Political Economy*, Vol. 66, No. 4, Aug., 1958, pp. 281-302.
- Noronha, Maria Eduarda & Soares, Maria Luíza. *Oficina de negócios: empreendedorismo para crianças*. Recife: Editora Construir, 2017.
- Reagan, Ronald. “Why this is an entrepreneurial age”, *Journal of Business Venturing*, vol. 1, n. 1, 1985, pp. 1-4.
- Sá Barreto, Eduardo. *Ecologia marxista para pessoas sem tempo*. São Paulo: Usina editorial, 2022.
- Schulz, Theodore. “Capital formation by education”, *Journal of Political Economy*, vol. 68, n. 6, Dez., 1960, pp. 571-583.
- Schumpeter, Joseph [1934]. *The theory of economic development: an inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle*. London: Transaction Publishers, 1983.
- Smith, Adam [1776]. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- Unger, Jens M., Rauch, Andreas, Frese, Michael, Rosenbusch, Nina. “Human capital and entrepreneurial success: a meta-analytical review”, *Journal of Business Venturing*, v. 26, n. 3, May, 2011, pp. 341-358.
- Vale, Gláucia M. V. “Empreendedor: origens, concepções teóricas, dispersão e integração”, *Revista de Administração Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, nov./dez. 2014, pp. 874-891.
- Vaisman, Ester. “A ideologia e sua determinação ontológica”, *Verinotio revista on-line – n. 12, Ano VI, out./2010*, pp. 40-64.

Vaisman, Ester. *A determinação marxiana da ideologia*, Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

Žižek, Slavoj (org.) [1994]. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996.

Páginas consultadas na internet (na ordem em que aparecem no texto)

Human development reports do PNUD: <https://hdr.undp.org/>. Acessado em 10/03/2023.

Campanha Vamos Ativar o Empreendedorismo, da Rede Globo: <https://vae.g1.globo.com/especial-publicitario/>. Acessado em 10/03/2023.

Canal Empreender: <https://canalempreender.com/>. Acessado em 10/03/2023.

Parceria Maurício de Souza Produções e Sebrae: <https://agenciasebrae.com.br/cultura-empREENDEDORA/educacao/turma-da-monica-e-sebrae-lancam-revistinha-em-prol-do-empREENDEDORISMO-feminino/>. Acessado em 10/03/2023.

G1. Número de trabalhadores em aplicativos de entrega de mercadorias cresce quase 1000% em 5 anos, aponta Ipea. - 08/10/2021

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/10/08/numero-de-trabalhadores-em-aplicativos-de-entrega-de-mercadorias-cresce-quase-1000percent-em-5-anos-aponta-ipea.ghtml>.
Acessado em 10/03/2023.

Folha de S. Paulo. Informalidade atingiu recorde em 2022, mostra pesquisa – 06/03/2023

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/03/informalidade-recorde-acompanha-queda-no-desemprego-em-2022-mostra-pesquisa.shtml>. Acessado em 10/03/2023.